

## GUIA DE BANDAS INDEPENDENTES DA COMUNIDADE SEVEN MUSIC

### Em busca do Selo

1. O Início
2. Composição
3. Registro
4. Imagem não é nada, sede é tudo... será mesmo?
5. Marketing, o calcanhar de Aquiles
6. produção
7. demo, o dilema
8. investimento

## *Começando o Trabalho*

*A difícil decisão de arriscar tudo na vida...*

Todo mundo passa por um estalo em sua vida. Um momento que lhe transforma em outra pessoa, fazendo-o explodir de emoção. Algo acontece e torna-se necessário extravasar toda essa energia de alguma forma. A garota mais bonita da sala nunca lhe dá bola. O menino mais velho jamais olha pra pobre juvenzinha apaixonada. As suas notas começam a decair. Seus pais lhe pressionam. Os vizinhos falam horrores de sua pobre vida condenada. Assim, então, como que tomado de assalto por um espírito desconhecido, atravessa-lhe o instinto de pegar uma caneta (aquela esferográfica que vazou no seu bolso semana passada) e arriscar-se a escrever o seu primeiro poema, homenageando o ser amado.

Isto é como o despertar do Fator-X. Agora você é um mutante. Nunca mais será visto da mesma forma pela sociedade. Será ridicularizado por uns. Outros mentirão descaradamente. Alguns podem até gostar de você, mas somente após se deparar com um certo período de estranheza. Você passará por um conturbado momento de confusão ainda maior. E, por causa disso, resolverá escrever mais poemas. E, assim, o ciclo se repete.

Num belo momento verá que gosta de fazer isso e, então, meu amigo, saiba que acabou de entrar num caminho sem volta. Está viciado. A tendência agora é você querer mostrar a todos aquilo que já construiu. Alguns ficam somente nos poeminhas melosos. Mas não você. Algo lhe diz que é diferente. E assim, resolve transformar seus poemas em canções. Pega aquele violão empenado do seu amigo de classe e pede para que ele lhe ensine a tocar. Aprende os seus primeiros acordes. Meu Deus! É você que está fazendo aquilo! Incrível, não é? Mas ainda resta um passo a se dar. Vamos mostrar aos amigos as músicas que já aprendeu. Mal tocadas, é verdade. Mas é só o começo. Você quer mais.

É aqui que começam os problemas. Você quer mais, certo? Então, vamos em frente.

Ao reunir alguns amigos, com certeza sentirá como se tivesse realmente atingido o paraíso na Terra. Vamos com calma, as coisas não são bem assim. No início tudo pode parecer uma maravilha, mas diferenças existem e, muitas vezes, se mostram bem mais significativas que as semelhanças. Como assim? Muito simples. Nem sempre (pra não dizer quase nunca) as pessoas (sejam elas amigos, inimigos, chegados, parentes, etc.) vão concordar 100% com você. Se isso acontecer, desconfie. Mas na maioria dos casos é assim mesmo, as diferenças gritam mais alto que as semelhanças e isso é fácil de explicar: quando ocorrem idéias semelhantes, todo mundo concorda e fica por isso mesmo. Nas diferenças não funciona dessa forma, nesses casos começa com um simples "não, eu acho melhor seguirmos esse caminho A" e você, se sentindo contrariado retruca, dizendo "mas o caminho B é bem superior, não consegue ver?" E eu te confirmo: sim, você acaba de encomendar a sua primeira briga.

Mas não precisamos nos desesperar, pois brigas como essas vêm a todo momento. É através delas que progredimos, construímos torres que atingem altitudes nunca antes pensadas. Claro, isso se forem seguidas algumas simples condições: 1. Saiba escutar opiniões diferentes das suas; 2. reconheça que nem sempre você está certo; 3. Mude quando for preciso mudar, para não ficar estagnado no mesmo mar de mediocridade.

Falando (ou escrevendo) assim pode até parecer muito simples, mas não é. É difícil encarar aquele cara cabeça-dura que nunca aceita voltar atrás naquilo que disse, mesmo sabendo que está completamente errado. Se estiver se deparando com essa situação, não é preciso desespero, apenas corra o mais rápido que puder.

Também existem os problemas de logística. Esses são horríveis de se superar, mas com um pouquinho de esforço vai tudo bem. O que? Ah, sim! A menina da cadeira da frente está perguntando o que é logística. Fácil. É aquela parte que cuida dos materiais, estrutura da banda, etc. Ou seja, existe sim um grande esforço pra se tomar conta de uma banda. Está longe de ser só sair plugando os instrumentos e compondo as melhores músicas do planeta. A sua banda é uma empresa. E como tal, merece atenção e cuidados especiais, precisa de uma estrutura específica e vai te trazer uma série de dores de cabeça.

Existem algumas perguntinhas básicas a serem feitas antes de tudo, pra ajudar a organizar o pensamento. Não se começa uma empresa sem algum planejamento e assim deve ser com a sua banda, senão a coisa toda não vai passar das idéias.

Vamos aos exemplos:

- Vocês têm todo o equipamento necessário?
- E se não tiver, o que vocês farão?
- E pra ensaiar? Existem alguns membros que não têm todo o tempo do mundo, então, em que horários serão os ensaios?
- E o transporte dos instrumentos?
- O lugar tem tudo o que é necessário?
- Bem lembrado! E o lugar?
- Quem vai pagar as despesas? Lembra que existe uma conta de luz?

Esses são apenas alguns exemplos simples do tipo de pergunta que pode passar pela sua cabeça. É claro que não é nenhum padrão inviolável, você pode perfeitamente adicionar qualquer coisa que seja conveniente, isso foi só para ilustrar a necessidade de um planejamento.

Depois de devidamente estruturada a sua banda, creio ser o momento ideal para se pensar no funcionamento da obra. Já imaginou qual será a sua proposta? O que pretende apresentar de novidade? Talvez esta seja a parte mais complicada de todas, mas nem sempre é planejada. Por isso, dê um passo à frente e mostre que você tem aquele "algo mais" que todos procuram. Aqui não existe fórmula alguma a seguir. Às

vezes vem naturalmente, em outras depende de uma grande pesquisa, só a sua intuição poderá lhe dizer o que é certo ou errado, o que vale ou não.

Alguns depoimentos para fazer desaparecer essa tempestade de dúvidas sobre o tema:

### **Rômulo Medeiros (Mundo Groove):**

*“Isso começou a tempos, eu sou ator mas tocava minha violinha em casa, até que um amigo me chamou pra entrar numa banda, pra participar de um festival da coca cola no Atl Hall (ih! lá vai tempo). Não ganhamos nada, mas a experiência me deixou instigado e comecei a compor com um amigo, logo comecei meu trabalho solo que, a duras penas saiu da cabeça pro papel e logo depois pro cd, dando nisso: [www.tramavirtual.com.br/romulo](http://www.tramavirtual.com.br/romulo)*

*Mais tarde, eu e esse amigo colocamos uma musica no cd de Malhação, composição nossa, mas ele, iludido pela possibilidade de estourar (hahah), fez o vocal da música, mas como trabalhava em tempo integral, não fazia shows, nada. Logo, morreu na praia, ganhamos uma grana e só.*

*Um amigo D'alessandro Mangueira começou um projeto bem bacana na cobal do Humaitá 'Novos Compositores Cariocas' ali comecei a mostrar meu som e fui formando minha banda, mas como era solo, havia uma variação de músicos, o que não era bom.*

*Por fim, a seleção natural se fez e acabamos nessa formação. Resolvi que iríamos virar uma banda, a galera topou e estamos aí, na luta.*

*Brigas eu não sei, acontecem desentendimentos musicais, que acaba somando no trabalho final. O nome, nem lembro acho que o guitarra sugeriu grooveria, mas já tem uma banda em Sampa, aí dei a idéia do Mundo Groove. Aprovado, partimos pra luta e cá estamos: [www.myspace.com/mundogroove](http://www.myspace.com/mundogroove)”*

### **Murilo Muraah:**

*“Separar minha vida pessoal da minha vida profissional/musical é algo impossível. Comecei a compor antes mesmo de ser músico. Escrevia algumas letras e chamava um amigo que estava aprendendo a tocar violão pra ver se saía alguma coisa. Mas não saía nada! Eu mesmo comecei a me aventurar no violão, logo passei pra guitarra e chamei um baterista e outro amigo guitarrista pra fazer um barulho. Devia ter uns 16 anos na época. Ensaiar mesmo, só o fizemos 2 ou 3 vezes. Mas o que sonhamos juntos, não está na história. Chamamos aquela pseudo-banda de Nightmare, pois minhas letras eram compostas sempre em inglês. Foi nessa época que eu resolvi tentar cantar também. Minha primeira banda mais "séria", que ensaiava periodicamente e com quem eu cheguei a fazer 2 shows, só rolou quando eu já tinha 18 anos. A proposta era ser punk com influências de metal, mas todos da banda adoravam música pop, então era um tal de tocar Paralamas como se estivesse tocando Ramones. Todos éramos extremamente inexperientes e tocávamos mal pra caramba, mas era bem divertido! Essa banda se chamou Prozak. Ainda com 18 anos, saí da Prozak junto com o outro guitarrista e*

comecei a tocar com um baterista que já tinha muitos anos de estrada, inclusive CD lançado, dentro do cenário punk/hardcore. Tivemos a sorte de encontrar um baixista bom pra dedéu dentro daqueles estilos e formamos a Jaywalkers. Durante o ano de 2000, tempo que durou a banda, fizemos vários shows, sempre com muitas músicas próprias e alguns covers, quase sempre de Ramones mesmo. Acho que nunca toquei tantas músicas próprias quanto em 2000, foi muito bom! No final de 2000 a banda acabou devido a inúmeros desentendimentos, uma pena. Eu também já tava meio de saco cheio pq já começava a compor em outros estilos, parecia que queria me desprender do punk/hardcore.

Em 2001, ainda fiz outro show com o nome Jaywalkers, mas com outros integrantes, outra proposta, mais voltada à surf music, rock'n roll e já brincando de fazer funk. No fim de 2001, mudei de novo os integrantes e formei a Johnny Dealers. No começo de 2002, trocamos o baterista e de nome, passando a chamar Escambo. A mudança aconteceu por que eu já estava compondo muito mais em português do que em inglês. Em 2002, fizemos uma porrada de shows com a Escambo, tocamos várias músicas próprias, mas os covers prevaleciam. No final de 2002, tivemos problemas com o batera e o pessoal deu uma bela desanimada. Só no meio de 2003 voltei a fazer shows, ainda sob o nome Escambo, mas já pintando como um projeto solo. Da Escambo original, só o baixista seguiu tocando comigo. Comecei a tocar com bateras e guitarristas contratados. Foi no meio de 2003 também que eu comecei a gravar o CD Mundo Dual ( <http://www.tramavirtual.com.br/artista.jsp?id=46266> ), também com músicos contratados. Assim, aos poucos, o projeto foi assumindo a forma de solo mesmo e, no meio de 2004, virou Muraah.

Na verdade, eu sempre liderei as bandas que participei e sabia bem o que eu queria fazer, que caminhos seguir. Sempre escolhia os nomes, era o principal compositor, corria atrás de shows, de gravações, enfim, de tudo. Acho que por isso nunca consegui ficar mais de um ano com a mesma banda, os mesmos músicos. Só me encontrei de vez quando assumi o projeto solo. Admiro muito as bandas que têm toda uma cumplicidade, uma camaradagem. Mas pra mim nunca rolou. É por essas e outras que tem professor aqui na Austrália q me chama de "the man with the plan" (o homem com o plano). Emprestando as palavras do bom e velho Raul: "não sei onde estou indo, mas sei que estou no meu caminho". E desculpem o relato tão longo, mas pedir para eu falar da minha história na música é pedir pra eu sair falando (ou escrevendo) sem parar."

### **Bruno Galvão:**

"Minha musicalidade acabou vindo no sangue. Minha família inteira vem da música. Meu pai, tios e tias fizeram muito sucesso na época da Jovem Guarda, integrando os grupos Golden Boys e Trio Esperança, além da carreira solo da minha tia Evinha. Tudo isso lá pelos anos 60 e 70. Nos anos 80, na febre dos grupos infantis, meus primos integraram o grupo Os Abelhudos. Com essa herança musical, que trago com muito orgulho, acabei nascendo no "meio" e aos 7 anos tive minha primeira experiência profissional, fazendo coro infantil pra artistas daquela época como Xuxa, Trem da Alegria, Balão Mágico, etc. Depois pintaram alguns jingles veiculados em rádio e tv e tal.

*Quando cresci, resolvi levar tudo mais a sério e comecei a compor e pensar em montar uma banda de fato. Montei a Banda PRIMUS com meus primos. Ainda temos esse projeto, mas tocamos só Jovem Guarda com novos arranjos em festas de empresas e em algumas casas aqui do Rio. Na verdade o que eu queria mesmo era ter o meu trabalho solo. E ele surgiu com o disco 'Tudo Bem' que lancei no fim do ano passado. Um CD com músicas minhas e duas releituras de sucessos da família - Casaco Marrom e Andança.*

*As dificuldades são diversas, mesmo trazendo o nome da família nas costas. Eu nunca quis usar isso para ajudar em algo! Quis caminhar com minhas próprias pernas e nessa caminhada consegui desfrutar de muitas coisas legais! Como divulgação do CD, consegui fazer alguns programas bem bacanas como Hebe, Amaury Jr, Sem Censura, Jorge Perligeiro, etc. Mas isso não é o bastante. O principal canal ainda é Rádio! E com os jabás q rolam atualmente fica tudo muito difícil!*

*Enfim, agora me encontro nessa luta, assim como vocês! Com a esperança de que algo de bom aconteça e as atenções se voltem um pouco mais para o cenário independente de forma que haja espaço para todo mundo!"*

## Composição

*Dicas para não levar um bolo da musa inspiradora*

Começemos falando sobre a pedra fundamental de todo e qualquer músico: a composição. Bem sabemos que sem obra ninguém vai pra frente. Você precisa mostrar para o mundo que tem o que dizer (nem que seja através do seu instrumental). Esta é a primeira forma de se destacar. Antes de qualquer coisa, olhe para este fator. Nunca deixe a música em segundo plano. Preocupe-se com tudo: marketing, visual, produção, etc. mas NUNCA (repito: NUNCA) abandone a sua arte. Jamais se esqueça dela. Ela é a sua filha mais querida, a sua namorada, a sua mãe, a sua avó, a sua amante e a sua irmã. Tenha carinho por ela. Trate-a sempre muito bem.

Jamais seja displicente com as suas criações. E o que significaria exatamente isso? Simples. Nunca se conforme com o que você possui. Faça o melhor que puder. Chegue ao limiar de seu talento. Supere-se a cada instante. Injete-se o máximo que puder de ânimo, suor e criatividade. Mas também seja legal consigo mesmo. Não pense que cada música será uma obra-prima. Não espere compor a próxima "9ª Sinfonia de Beethoven". Simplesmente componha. Somente assim conseguirá ver os reais resultados e avaliar o seu próprio trabalho. Aliás, às vezes, as músicas que achamos mais feinhas, sem graça, quando as criamos, são aquelas que o público mais gosta (só não vale usar isso como pretexto pra descuidar da criação). Leia. Leia muito. Seja sobre música ou não, mas leia. Construa bases sólidas para o seu conhecimento sobre a vida, ou sobre a física, ou sobre técnicas de "arpeggios com 7ª diminuta" (isso é brincadeira, por favor...) e assim conseguirá mostrar diferentes planos musicais. Sem perceber, se transformará em alguém mais interessante e, de quebra, elevar-se-á mais alguns degraus na "escada para o paraíso".

Não perca muito do seu tempo mostrando o seu trabalho aos amigos. Eles não serão duros o bastante com você. Amigos não são público. São amigos. Estão ali pra lhe incentivar, pra dar forças e isso nem sempre será bom, pois podem deixá-lo mimado, achando que todos gostam da sua obra, o que nem sempre é verdade. Amigos têm o péssimo hábito de lhe mostrar as suas qualidades e esconder os seus defeitos. Por isso, na medida do possível, busque opiniões de pessoas desconhecidas. Isso lhe ajudará a ter uma visão real das suas características, sejam elas positivas ou negativas.

Este é um tema bastante polêmico. Existem diversas opiniões a respeito deste assunto e, de nenhuma maneira podemos dizer que algumas estão certas ou erradas. A verdade é que há diversas formas de se fazer a mesma coisa e, aqui, isto se aplica mais do que em qualquer outro tópico. Há um mito que diz que não existe criatividade sem inspiração, mas pra quem trabalha mesmo no ramo, pode observar que o que acontece, na realidade é uma coisa de "cabeça-durismo" mesmo. Essa é APENAS uma forma de se enxergar o problema, pois do outro lado existem aqueles que acreditam piamente na divindade da inspiração. Aqueles que sentem uma vontade incontável de dar à luz a uma obra genial, que nem sempre precisa ter uma origem bem traçada. Nem sempre segue alguma lógica específica. Apenas surge.

Como estou longe de ser um visionário capaz de sintetizar as duas opiniões, coloco aqui as declarações dos gênios da comunidade da Seven Music no Orkut, afim de lhes dar uma luz sobre este tema tão controverso.

**Menino Errado (vulgo Gim, Giancarlo ou qualquer outra identidade que vier à cabeça dele):**

*“Faço umas três músicas por semana (letra e música). Destas três, uma ganhará palco, disco etc. e outras ficam pra projetos 'one man band'. Era um exercício, mas agora não é como tomar banho, "preciso fazer isso". É como comer uma barra de chocolates. Quando come uma, come duas, três... não tem mais segredo, apenas sento e elas saem, mas isso é o meu caso.”*

**Cristian Bianzeno:**

*“Velho, comigo é totalmente aleatório... Eu ando com um gravador de voz no bolso por que às vezes aparecem riffs ou bases de música do nada na cabeça e, como não tenho nenhum instrumento musical por perto, faço o som com a boca e guardo até ter tempo pra poder trabalhar em cima dele...”*

**Jô Jacka Trutty:**

*“Nunca jogue nada fora. Guarde, nem que seja no fundo da gaveta. Aí, naquele dia que não tiver nada mesmo pra fazer, pegue o violão e faça uma releitura. Essas, com certeza, serão suas melhores músicas. As melhores coisas que fazemos, por muitas vezes, são as que menos valorizamos. Se liga nisso. Pode ser bem útil e produtivo. Releia, reveja, repense... Pra quem compõe, a releitura é indispensável.*

*‘Anos Luz’, quando o Rods a fez, era só uma musica largada no tempo. Um belo dia peguei a letra, inseri um riff e hoje é a musica de trabalho da banda. Já rolou com outras canções esquecidas. Tente. Isso é como instigar os próprios pensamentos. As minhas melhores musicas não me agradaram em primeira instância, tive de entender o que eu queria dizer. Compor está além de nossas explicações.”*

**Luciano Ribeiro:**

*“Não sei se é assim com vocês, mas eu, sempre que quero criar alguma coisa, é como se estivesse indo para um campo de batalha, me armo com todo tipo de referência que puder caber na minha cama e na cabeça e parto para o ataque, devorando as toneladas de informação que estiverem ao meu alcance. Normalmente escolho um sentimento, uma sensação que desejo transmitir e, à partir desse plot, saio arrancando os restos de mármore que não me interessam, até chegar em um resultado que me agrada (que, por sinal, é a parte mais difícil, uma vez que sou mais exigente comigo do que seria com qualquer outro). Pode-se dizer que andei levando bolo da musa-inspiradora...”*

*Passei um período de cerca de um ano compondo o máximo de material que pude. Imagino que devam ter saído umas sessenta ou mais músicas. Dessas, aproveitei umas*

*dez. Muitas delas eu joguei fora por puro desprezo (N.R: crianças, jamais façam isso em casa), mas as que ficaram é por que realmente me agradavam. Parece que com o tempo e a prática, você vai começando a criar uma média. Um nível padrão. Como se fosse um ritmo. Sei lá, isso é muito abstrato. É um tema difícil de falar assim.*

*Sempre tento me superar, de todas as maneiras possíveis, e às vezes passo algum tempo sem apresentar nada a ninguém por que acho que não tem saído material bom o bastante. Muitas vezes, mesmo com uma idéia na cabeça, parece que é necessário muito esforço pra ela ficar bem polida. Eu trabalho dessa forma: geralmente faço os primeiros esboços, mas até ter o produto concluído, modifico muitas coisas, experimento diversas possibilidades. Como bem sabemos, uma notinha que mudemos em alguma melodia pode fazer toda a diferença...*

*Por isso não acredito tanto em gênios, saca? Acredito em trabalho. Claro que uma mente brilhante ajuda muito! (risos) Mas eu, como um mero mortal, tenho que me acostumar mesmo a trabalhar... (risadinha)."*

**Monsek:**

*"Eu tenho os dois 'sintomas'. Tanto uma inspiração me pega de surpresa (caso fatal esse, em que saio desesperado donde estou pra gravar), tanto quanto sento e decido produzir alguma coisa. Dependendo dessa última, a inspiração até vem sozinha, como se a tivesse chamado. Bom, independente do modo, acho que aquilo que criamos tem que nos agradar primeiro, se não vai ficar ruim, pode crer."*

**Fabio Moon:**

*"Posso parecer romântico, mas ainda acredito na teoria do mundo das idéias e de que em alguns momentos nos conectamos nele e conseguimos fisgar algo."*

**Sonekka:**

*"Eu sou meio lesado pra esse assunto. Só posso dizer pela minha experiência o seguinte: Se você é fera em letras e é um melodista meia boca, faça letras e arranje um parceiro que manda melodias muito bem. Lembre-se: um letrista meia-boca e um melodista genial = canção meia-boca. E vice-versa o resultado será o mesmo. Se o letrista e o melodista são ótimos, a música vai ser sempre ótima. Não só de inspiração é feita uma boa canção. É feita de retrabalho, é feita de ganchos, é feita de cadência adequada. Inspiração, pra mim, é apenas um momento a ser aproveitado, nem que seja apenas como registro."*

**Rafael Bennett:**

*"Tirar 'leite de pedra' confesso não ser tarefa mais prazerosa, mas algo presente no 'ofício'. Se é que assim podemos o chamar. Vejo o processo de composição como algo, acima de tudo, sincero e nunca de outra forma. Sendo assim, aquilo que é sincero, é*

*verdadeiro, espontâneo, logo, algo a ser respeitado. Não me vejo como um "inventor". O que é uma grande mentira. E sim, apenas um "locutor".*

*Inspiração & Criatividade.*

*Seria isto."*

**Gabriel Carvalho:**

*"Bem, acredito na inspiração acima de tudo. Quando crio algo, sinto como se as idéias fossem enviadas por algum meio que desconheço, fico tão feliz com cada composição que parece que estou recebendo um presente. De quem? Não sei explicar. Talvez da minha própria mente. Acho o processo de composição muito subjetivo. Posso parecer um lunático falando dessa forma, mas sinceramente é isso acontece comigo! Claro que depois da inspiração, é preciso trabalhar muito, é nessa hora que se consegue colocar mais detalhes, criar mais alguns climas, tempo, andamento, ou seja, tudo para deixar a música 'polida'. Resumindo, as idéias que surgem da inspiração são como se fossem matérias primas, sem ela não se faz nada. Mas para a deixar perfeita é preciso muito esforço. E é isso que tento buscar."*

**Andreza Andrezzo:**

*"Eu, pelo menos, tenho vários 'instantes' de inspiração e procuro aproveitá-los, mas o modo como posso trabalhar nisso, moldar, depende de toda uma bagagem cultural que tenho e, com isso, posso construir várias possibilidades, pontes entre o que tenho e como posso fazer. E assim é que vem. Quesito que acho importante, como já disseram, é a leitura e ouvido, porque amplia muito sua visão sobre as coisas. E tudo pra mim é 'interpretável'. É bem por aí..."*

**Jader Correa:**

*"Acredito que tanto inspiração quanto criatividade podem existir tanto juntos como separadamente. Penso em inspiração como aquilo que dá a idéia, o ponto inicial, a partir do qual o trabalho de composição começa; e como aquela coisa que te faz mudar de rumo durante o processo criativo, às vezes trazendo resultados inesperados. Porém, nada impede que alguém exerça seu potencial criativo sobre a idéia (inspiração) de outra pessoa, e que seja 'inspirado' durante o processo."*

**Nilton Bartolomeu:**

*"Olha, faço isso a uns dez anos. Devo ter mais de 250 composições dentro daquelas que considero super (considerem isso na hora de procurarem um bom compositor, tá?). No início, ainda bem pequeno, compunha canções para a menina mais bonita da classe. Depois parei devido aos pudores que acometem qualquer pré-adolescente. Mais tarde, aos 14 isso voltou como uma necessidade básica e até hoje vigora. Nunca penso, só*

*sinto. Tanto que no começo não tocava nenhum instrumento, mas guardava - e ainda guardo - todas as melodias e letras na cabeça”.*

*Quando falo das minhas músicas, digo que são geniais, e tem gente que me acha prepotente, mas falo isso sem nenhum pudor porque é como se não fosse eu o autor e sim um força estranha que me leva a consciência e, quando eu a retomo, tenho uma bela canção. Posso dar uma dica? Respeite esse momento de inspiração, nunca diga "depois eu faço". Pare o que estiver fazendo e vá até o final. E, por fim, vá criando estilo, arregimentando ferramentas para se tornar um bom veículo, para ser capaz de por em prática. Ler e ouvir é indispensável.*

*Depois de dominar a parada, tente diversificar os temas. É como digo: uma canção de amor todo mundo faz uma vez na vida, mas compor é especializar-se em traduzir sentimentos e situações mais singulares que "um homem, uma mulher". O mais difícil é superar a rima entre amor e dor!”*

## *Registro e arrecadação*

*Protegendo a sua cria e recolhendo os lucros!*

Esse deveria ser o assunto mais simples dentro da comunidade dos músicos, mas por alguma razão misteriosa, ainda tem gente que estremece só de pensar em quão difícil pode ser registrar as suas músicas. Assim sendo, aqui está um breve roteiro explicativo sobre como proceder para manter as suas obras devidamente protegidas de qualquer Bicho-Papão das suas autorias.

Primeiramente, precisamos entender que existem soluções baratas, porém menos seguras e outras mais caras, no entanto com um índice de segurança maior. Sim, com um ÍNDICE de segurança maior, pois não existe meio de se proteger uma obra com 100% de garantia. TODOS os métodos envolvem um risco, uma vez que estamos sujeitos a aparecer um indivíduo em Tangamandápio disposto a plagiar a nossa obra e não há nada que possamos fazer, a não ser guardar o máximo possível de provas de nossa autoria e originalidade.

Um dos mitos que precisamos derrubar é o de que basta se registrar uma obra pra ela ser considerada sua propriedade. Em parte sim, é verdade. Essa obra será considerada sua. No entanto, e se alguém aparecer alegando que a obra não é sua? E se você mostrar uma letra, por exemplo, e o seu "amigo" resolver se apropriar de sua criação, registrando-a sob o nome dele? Estará tudo perdido? A resposta é não, graças a Deus. Quando se efetua um registro, seria mais ou menos como se você estivesse dizendo oficialmente que a obra é sua, que você tem aquele material naquela data específica (o que já é uma boa prova), mas isso, somente, não é o bastante. Caso apareça alguém interessado em contestar a sua propriedade é preciso haver uma contra-prova. Pode ser qualquer coisa que tenha um registro alternativo, com uma data específica que comprove que aquilo estava em suas mãos antes mesmo do registro oficial ou do material que o seu "amigo" venha a possuir, como, por exemplo, uma carta fechada com o selo dos correios, um e-mail com a musica anexada, ou mesmo um cadastro no Creative Commons. Vamos a um roteiro para que você possa compreender melhor como funciona tudo isso.

Após todo o trabalhão que é a composição, obviamente (isso se você está prestando atenção no que lê agora), o próximo passo é partir para o registro da obra. Logicamente, existirão versões mal acabadas do seu trampo. Guarde. Guarde tudo que puder sobre o que está criando. Mande um e-mail para si mesmo com a letra e, se possível, uma versão de áudio (também vale cifra, tablatura, ou o que for). É a sua primeira garantia. Depois, reserve um tempo e vá aos correios. Faça o mesmo. Envie a cartinha pra si (não há nada de errado nisso. Tem gente que manda cartas de amor a si próprio, exaltando as imensas qualidades de seu ser e as razões de sua paixão), contendo a letra e o áudio, ou cifra, partitura, etc. Ao receber, não abra. Feito isto, não se anime. A sua obra ainda não está registrada. Estas são as suas contra-provas, para o caso de aparecer algum espertalhão. O registro, propriamente dito, só vem mesmo quando você envia a sua obra para o Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional ou na Escola Nacional de Música da UFRJ, mas, como era de se esperar, isso envolve custos. Nada exorbitante.

Com algumas merrecas é perfeitamente possível registrar a obra. O probleminha é que o registro da música (parte instrumental) na BN é feito através de partituras e bem sabemos que nem todos os músicos são capazes de escrevê-las (não torça o bico pra essa realidade, excelentes artistas não são exatamente bons teóricos) e, para que alguém o faça por você, será necessário dizer adeus a alguns trocados. Agora sim, com seu material devidamente protegido, pode fazer seu show em paz!

Existe além do registro tradicional na BN e UFRJ, um método alternativo, que está se tornando cada vez mais comum pra distribuição na Internet: o Creative Commons. Trata-se de uma licença mais flexível que usa, ao invés do velho modelo de "todos os direitos reservados", um padrão de "alguns direitos reservados". Você não necessariamente está abdicando de seus direitos autorais, mas oferecendo alguns deles para que determinadas pessoas façam uso do seu trabalho sob determinadas condições. Essas condições estão melhor especificadas no site oficial da ONG, cujo link está no final do capítulo, junto a outros endereços úteis. O que é necessário saber, por enquanto, é apenas da possibilidade de customização dos termos aos quais a obra estará sujeita, possibilitando um maior dinamismo na distribuição online. Ainda em tempo: esta licença tem valor jurídico, valendo, portanto, como recurso no caso de uma violação de direitos autorais.

Registro através de cartório não é exatamente uma prática recomendada, uma vez que no caso de um "assalto" de autoria, será necessário um tempo enorme até a re aquisição legal de seus direitos. Nem preciso entrar em detalhes sobre a "rapidez" do andamento de ações jurídicas no Brasil.

### **Pegando sua fatia no bolo**

Falar em arrecadação de grupos independentes pode parecer piada, mas não é. Mesmo não recebendo muita coisa (nada, ou quase nada, pra falar a verdade), pelo menos um conhecimento sobre o funcionamento do sistema é necessário, pois muita gente faz uma grande confusão nesta parte do processo, misturando o registro com a captação de direitos autorais.

O órgão responsável pelo recolhimento dos direitos autorais é o ECAD (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição). Basicamente o que ele faz é manter um enorme banco de dados, onde são catalogados todos os autores afiliados a associações autorais e suas obras, além dos usuários de música, que tanto podem ser emissoras de rádio e televisão, como agências de publicidade, produtores de eventos, cinemas, boates, clubes, hotéis, motéis (você nunca imaginou que um lugar desses pudesse pagar direitos autorais, não é?), supermercados, bares, restaurantes ou qualquer estabelecimento que exiba publicamente a obra (seja pessoa física ou jurídica, tem que pagar).

O ECAD classifica todos esses usuários de músicas em categorias de importância e frequência de utilização da música em suas atividades, o que quer dizer que uma boate pagará mais do que um restaurante, por exemplo.

Já para que o ECAD saiba da sua existência, é necessário estar cadastrado em alguma das associações autorais que administram o órgão. Essas associações são responsáveis pelo controle e envio das informações cadastrais de cada afiliado e de seus respectivos repertórios, depois disso você entra naquele listão de autores e usuários de música.

Assim, devidamente arrecadada a sua bufunfa, o ECAD faz as respectivas divisões. Uma parte pra eles (18%), uma pras associações autorais (7%) e outra pros autores (75%), que é subdividida de acordo com a porcentagem de participação de cada um dos compositores, a distribuição é feita mensalmente ou trimestralmente.

Vale ressaltar que, felizmente, o ECAD é um dos melhores órgãos do gênero no mundo, distribuindo a verba com eficiência e rapidez muitas vezes superiores aos dos países mais desenvolvidos.

## **Endereços úteis**

Estes são alguns endereços úteis relacionados ao tema tratado neste capítulo. Como via de regra, foram preferidos os endereços em São Paulo e Rio de Janeiro, mas a maioria das associações possui filiais em outras partes do país, basta você acessar os sites dos órgãos e estão citadas as localizações alternativas.

### **1. Registro de músicas**

#### **Biblioteca Nacional** - Escritório de Direitos Autorais

R. da Imprensa, 16 / 11º andar

Centro - Rio de Janeiro - CEP

Tels (21) 2220-0039 / 2240-9179 / 2262-0017

#### **Escola de Música da UFRJ**

R. do Passeio, 98 - Centro

Rio de Janeiro - CEP 20521-180

Tel (21) 2240-1491 / 2523-4649

<http://www.musica.ufrj.br/>

#### **ECAD (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição)**

R. Almirante Barroso, 22 / 22º andar

Centro - Rio de Janeiro - CEP 20031-000

Tel (21) 2544-3400 / Fax (21) 2544-4538

### **2. ASSOCIAÇÕES DE TITULARES DE DIREITOS AUTORAIS E CONEXOS**

#### **ABRAMUS** (Associação Brasileira de Música)

Endereço : Rua Boa Vista, 186/4º andar – Centro

São Paulo-SP

CEP: 01014-000

Telefone : (11) 3106-2930 / (11) 3101-9597 FAX: (11) 3242-2488

[http:// www.abramus.org.br](http://www.abramus.org.br)

**AMAR** (Associação de Músicos, Arranjadores e Regentes)

Endereço : Rua Dr. Fabrício Vampré, 231 - Vila Mariana

São Paulo-SP

CEP: 04014-020

Telefone : (11) 5572-8781 Fax: (11) 5575-3901

<http://www.amar.art.br>

**SBACEM** (Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Escritores de Música)

Endereço : Rua Barão de Itapetininga, 255 sala 410 - Centro

São Paulo-SP

CEP: 01042-001

Telefone : (11) 3255-3025

E-mail : [sbacemsp@sbacem.org.br](mailto:sbacemsp@sbacem.org.br)

<http://www.sbacem.org.br>

**SICAM** (Sociedade Independente de Compositores e Autores Musicais)

Endereço : Largo do Paissandu, 51 – 10º Andar

São Paulo-SP

Cep 01034-010

Telefone : (11) 3226-1700 / 221-4656/ 223-8555 FAX: (11) 222-4357

<http://www.sicam.com.br>

**SOCINPRO** (Sociedade Brasileira de Administração e Proteção de Direitos Intelectuais)

Endereço :Rua Marques de Itu, 408-Sala 101 - Vila Buarque – São Paulo

São Paulo - SP

CEP:01223-000

Tel. : (11) 3333-1415 FAX: (11) 3334-1399

E-mail : [filial.sp@socinpro.org.br](mailto:filial.sp@socinpro.org.br)

<http://www.socinpro.org.br>

**UBC** (União Brasileira de Compositores)

Endereço : Av. Ipiranga, 1123 / sl. 303

São Paulo - SP

CEP: 01039-000

Telefone : (11) 3326-3574 / 3326-2944 FAX: (11) 3315-8389

<http://www.ubc.org.br/>

### **3. Outros**

**Creative Commons - BR**

<http://www.creativecommons.org.br>

## *Imagem não é nada, sede é tudo... será mesmo?*

*Hoje vocês acham que estilo, criar a identidade, realmente ajuda? Vamos discutir sobre isso...*

Uma banda (iniciante) com músicas excelentes e geniais, músicos excepcionais e que tocam com os nervos a flor da pele, mas que vai pros shows com a mesma roupa que vai pra aula na faculdade ou pro cinema no shopping, ou tira as fotos de divulgação trajando bermuda surrada, camiseta idem e Havaianas (o traje típico de ir na padaria comprar pão), enfim, sem preocupação estética ou coisa que o valha, tem quanta chance de dar certo, de convencer, virar moda, aparecer no Faustão, olhar pra bunda das Leas, traçar as groupies loucas, aparecer na Caras, ir pro Oscar, ou seja, fazer **\*"SUCESSO"\***?

Estética deve ser pensada sim, assim como roteiro nos shows que é outra coisa que ninguém se liga. De preferência o visual deve ter ligações com a proposta dos músicos. Visual é tudo. Se o som te atrai de cara, a imagem prende a atenção de uma vez por todas. Faz parte da nossa personalidade artística. Uma imagem pode dizer muito sobre nosso trabalho. É óbvio que não podemos julgar um livro pela capa, mas que não passa despercebido, isso não. E acho que sim: estilo ajuda muito, além de deixar o artista mais seguro do que está fazendo.

Vale comentar que nem sempre boa imagem é sinônimo de beleza. O estranho muitas vezes fascina, e talvez por isso, todo artista tenha um pouco dessa excentricidade, por menos perceptível que pareça (você nunca notou como os teus amigos te olham estranho?). Fazendo um exemplo bem bizarro (em todos os sentidos), imaginem o Marilyn Manson no palco de jeans, camiseta e um gelzinho no cabelo. Com certeza não teria nem metade do público teen "mamãe quero o capeta" que ele tem. Visual é importante, mas sabendo casar esse visual com o que se toca. Por mais que se pense que não, essa questão sempre existiu e sempre foi determinante. Basta lembrarmos que ainda no anonimato, os Beatles tinham visual de motoqueiros do final dos anos 50 e depois do Brian Epstein assumi-los e empresaria-los, eles mudaram para o estilo comportado que conhecemos. O mesmo aconteceu com o Hendrix. Chas Chandler que o lançou e produziu foi o responsável por aquele visual meio cigano. Se todos esses citados não dependessem de suas imagens, não seriam lembrados neste tópico. O público, para gostar de algo, tem que endeusar o artista de alguma forma e colocá-lo num pedestal de adoração, seja esse pedestal intelectual, estético ou mesmo musical. Logo, artistas com "roupas normais" não conseguem impressionar e por isso não se tornam mitos de nenhuma forma. A verdade é que nem você vai querer ouvir uma banda em que no encarte tem caras de havaiana (a não ser que seja uma piada bem sacada) e, por isso, o visual é tão importante.

Existe uma "regra geral" (é certo que a intenção não é estabelecer regras, mas à vezes fica difícil mesmo) que costuma funcionar, baseada em dois estereótipos genéricos. Veja em qual deles você se encaixa e decida o que fazer:

- **Bunitim** - Depende do tipo de som que fazem, se é música babinha pra teenagers, é melhor que seja bonito mesmo, senão as minas vão achar a música muito babinha e chata.
- **Feim** - Deve trabalhar uma identidade interessante. Ou chique demais, ou style demais, etc. Depende do gosto do freguês.

“Bunitim” ou não, a aparência cria a personalidade e isso pode ser um ponto pra se apostar, ver e rever durante a carreira. Aliás, não deixando a peteca cair, partamos para um outro subtópico muito deixado de lado.

### **A inovação aliada à renovação.**

Se existe uma única regra que realmente vale é a de que “a regra é quebrar regras”. Inovação sempre. Diga não aos clichês. Seja original. Beba Coca-Cola (desculpa...). Logicamente, é preciso bom senso ao fazer qualquer coisa. Mas, apesar do que possa parecer óbvio, necessariamente toda *boy band* precisa ter só bonitinhos? A princípio, seria natural responder que sim, mas as melhores idéias, muitas vezes, saem da quebra de paradigmas. Já notou como muitas vezes as nossas bandas do underground, quando começam a ficar famosas, mudam os seus visuais? Esse apelo é uma mera jogada de marketing, mas é necessário, entende? Não é o visual que faz a música, lógico, mas é preciso extrair o máximo que puder dele. Lembre-se: a música, como todo negócio, objetiva o lucro. E lucro, só vem com estratégias bem formadas. Não basta ser o melhor músico. Tem que saber se destacar. Você tem que ser o feijãozinho amarelo no meio de todos os outros.

Tudo bem, então você já tem as suas músicas gravadas, já tem um visual chocante e já tem estilo próprio. Mas e quando a fonte secar? “*Devo sentar e esperar pelo fim dos meus dias neste mundo cruel?*” A resposta é: só se você quiser.

Todo artista passa por uma fase de desgaste. Isso é inevitável. Acontece com os famosos de todo o gênero, sejam eles sertanejos, forrozeiros, bregueiros, rockeiros, MPBzeiros ou o que quer que sejam, VÃO sofrer desgaste. Uma hora o público enjoa da cara deles e pronto, não há nada o que fazer, certo? ERRADO. Ainda existe uma última medida a se tomar: a renovação. Lembra quando foi dito que “a regra é quebrar regras”? Agora chegou o momento em que você necessita quebrar as suas próprias regras. Chutar o pau da barraca (menos, por favor) e mostrar a que veio. Gritar bem alto: “*Ahá! Essa vocês não esperavam!*” E então, mostrar aquela carta que você deixou escondida na manga.

“*Isso é coisa pra gente famosa, que já tem uma carreira formada*”, você diz. Saiba que muitos independentes sofrem desgaste antes mesmo de “subir” para o mainstream. Os independentes têm o hábito de pensar que podem investir na sua proposta eternamente, pois “uma hora alguém vai lhes descobrir”. O único problema é que se o público começar a cansar da sua cara no seu próprio terreno, fica um pouco difícil partir pra outros. Então, amigos, após inovar, vamos renovar. Só pra ampliar um pouco o nível de compreensão das coisas, lembrem do Bon Jovi? Ele seria um perfeito exemplo disso, um

camaleão, no melhor sentido da palavra. Dê uma revirada nas fotos antigas dele e veja como o cara está agora. É de assustar.

Por isso, compreendamos que preocupar-se ou não SE a imagem vai fazer diferença, não mudará o fato de que ELA VAI. Se você se arruma todo pra "fazer tipo" nos shows e fotos ou se toca "com a roupa que vai pra faculdade", de nenhuma das formas vai escapar de ser julgado, avaliado e apresentado pela roupa que usa (e como roupa, entendam também maquiagem, apetrechos, etc.). Não se preocupar com a imagem, também é uma mensagem (que pode até ser positiva dependendo dos casos). Como em tudo quanto é material gráfico e visual, não existe o certo e o errado. O que vale, é a intenção.

Agora, uma coisa é certa. Fazendo, uma analogia com o design de embalagens pra ilustrar, se o produto for ruim, o cliente pode até comprar uma ou duas vezes por causa do apelo visual, mas depois de constatar a "qualidade", não há embalagem que salve!

## *Marketing, o calcanhar de Aquiles*

*Tópico só pra gênios do marketing*

Todo independente fala que o calcanhar de Aquiles é a divulgação. Passar pelos óbvios Radio, TV, jornais e revistas tem sido casca-dura. São tempos difíceis.

### **Público-Alvo**

Como conquistar e gerar um diferencial

Um dos maiores (senão o maior) problema de um principiante no meio artístico é conquistar o seu público. A maior parte dos outros casos depende quase exclusivamente de esforços pessoais, como a composição, visual e gravação, mas no que diz respeito à platéia a coisa não funciona bem assim. Atingir o seu alvo não é somente uma tarefa para reflexão e superação de dificuldades interiores como tem muito a ver com empatia, carisma e conhecimento das pessoas que farão parte desse seu público.

Anteriormente pensava-se que bastava uma grande campanha de marketing para se formar um público gigantesco. No entanto, as adversidades em se seguir esse caminho são óbvias e resumem-se em uma questão: a aquisição de recursos. Uma campanha de marketing assim implicaria em grandes custos, principalmente no que diz respeito à veiculação em televisão e radio, sendo estas, ainda, as principais mídias quando se trata em massificação cultural. Porém, é preciso notar que além desta limitação extremamente comum, existe uma outra verdade a ser ponderada: esta teoria da massificação está caindo por terra graças a uma nova ferramenta que tem adentrado os nossos lares: a Internet. Há décadas as pessoas estão sujeitas aos desígnios dos executivos que controlam as mídias clássicas, mas graças às novas tecnologias, isso tem mudado. Agora, uma pessoa pode escolher aquilo que deseja ver e ouvir e isso têm gerado uma diluição dos meios de comunicação tradicionais. As pessoas estão deixando de aceitar tudo o que lhes é empurrado e estão passando a procurar aquilo que mais lhes agrada. Claro que essa revolução ainda não está consagrada, mas é um processo que estamos vivenciando, uma das maiores provas disso são os artistas que estão passando dos Myspaces da vida e partindo para as TVs. O que não falta são mídias alternativas na Web esperando um uso adequado.

Grças a essa tendência, o que existe não é mais um super-artista que faz um megasucesso e vende milhões de discos a cada lançamento, mas artistas de menor porte com público mais fiel e vendas menores porém certeiras. Esse novo artista não é mais um ídolo num altar, longe do alcance do público, ele é parte do público, conversa, cumprimenta e sorri, frequenta as mesmas festas e gosta das mesmas coisas, vende seus discos cara a cara com seus fãs e ouve as críticas direto deles. Enfim, há uma aproximação muito maior do artista ao público. Devido a isso, hoje a dificuldade não mais é atrair o maior público, mas conquistar a platéia correta.

Mas de que forma podemos conquistar a platéia correta? De qual outra maneira senão conhecendo o público? É preciso descobrir exatamente para quem se está falando, catalogar as características do alvo e usá-las a seu favor. Responder a algumas perguntas básicas pode lhe dizer muito sobre seu público:

Qual a idade do público?

Quantas faces sociais e culturais ele tem?

Qual a sua escolaridade?

O que ele anda pensando da vida?

Seus hábitos de consumo dependem mais de sua renda ou de seu comportamento? (Não reclame! Você quer ou não quer vender discos?)

Qual é o seu padrão estético?

Qual linguagem é melhor adaptada a sua realidade?

Qual mensagem VOCÊ pretende levar ao público?

Estas perguntinhas são apenas para exemplificar até onde pode ir o seu conhecimento do público, mas sempre vale a ressalva de que é possível se ampliar esta lista. Certa vez conheci um cantor que tinha listados todos os compradores do seu disco, com nome, telefone e endereço. Adivinha quem seriam os compradores do seu próximo disco? Além disso, proponho uma nova questão: Como você se sentiria ao ser lembrado por uma pessoa que te vendeu um disco há uns dois anos atrás? Consegue notar o valor deste tipo de estratégia? Novamente, graças à Internet e outros avanços tecnológicos, torna-se muito fácil gerenciar este tipo de atividade.

Vale deixar bem claro um detalhe que, de forma alguma, por mais óbvio que possa parecer, deve ficar longe de seu conhecimento: sem verba, conquistar um público amplo não será tarefa das mais rápidas. Por isso, tenha paciência. Aliás, não tenha só paciência, como também disciplina para dar continuidade ao processo de conquista. Perceba que sem estas três qualidades a tendência é você perder espaço na preferência do alvo e, provavelmente, ele irá se encantar com um outro alguém que lhe dê mais atenção.

Assim sendo, para concluir a nossa pincelada diante do assunto, gostaria de deixar um lembrete: de nada adianta seguir estas dicas à risca se não tiver uma obra que se destaque perante as outras, ou seja, ainda temos muito trabalho pela frente. Mas não desanime, caro amiguinho, estamos juntos nessa jornada.